

## TECNOLOGIA ADAPTADA: O “JERICO” COMO MEIO DE ACESSO AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL EM ALTO PARAÍSO - RO

### SUITABLE TECHNOLOGY: THE “JERICO” AS AN ACCESSING WAY TE THE DEVELOPMENT OF THE RURAL TOURISM IN ALTO PARAÍSO - RO

Miguel Penha\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir, a partir da pesquisa bibliográfica sobre a importância da tecnologia adaptada, o “jerico”, como meio de acesso ao desenvolvimento do turismo rural. Buscou-se compreender o aparecimento da invenção no município de Alto Paraíso e o efeito transformador que exerceu sobre a população rural, constituída predominantemente de agricultores familiares. A partir das discussões sobre a propagação social do jerico, destacam-se as bases que o transformaram numa atração turística e neste sentido é apresentado o capital social e agroecológico da região e outros atrativos sustentáveis para a sua incorporação ao turismo rural.

**Palavras Chave:** Agricultura familiar. Alto Paraíso. Colonização. Tecnologia Adaptada. Turismo rural.

**Abstract:** This article aims to discuss, through a bibliographical research about the importance of this adapted technology, “jerico”, as an accessing way to the development of the rural tourism. It investigates the appearing of this invention in Alto Paraíso and the effect caused in the people of that local. Alto Paraíso is established of familiar agriculturists. So, this research shows jerico social spreading and its transformation in tourist attraction as well as points the social and agroecological capital of that region and others factors that help its joining to the rural tourism.

**Key-Words:** Familiar agriculture. Alto Paraíso. Settling. Adapted technology. Rural tourism.

## 1 INTRODUÇÃO

O “Jericó, uma tecnologia adaptada, foi trazido por migrantes que no final da década de 70 e início da década de 80, se fixaram na região de Alto Paraíso (RO). Os primeiros grupos de migrantes eram constituídos principalmente de grupos sem-terras vindos de diversas regiões do Brasil (nordeste, sul e sudeste), que ao chegarem ao atual Município de Alto Paraíso, tiveram que, no decorrer do processo, se adaptar as condições adversas do novo meio, além da convivência com outros povos de diferentes raças, costumes e culturas. Os migrantes traziam consigo o conhecimento, a experiência e a técnica, do “como fazer”. Tais conhecimentos juntamente com as necessidades que motivam o homem, em um novo ambiente, passaram a atuar sobre o(s) objeto(s) de trabalho, inventando e adaptando instrumentos que facilitaram a produção, e demandavam menos energia e baixo

---

\* Engenheiro Agrônomo - Mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). miguelpenha@hotmail.com

custo. Assim, no desenvolvimento deste processo, as forças produtivas nessa região se ampliaram mediante a adaptação, frente à transformação do objeto de análise o “jerico”, que contribuiu para facilitar o rendimento das tarefas agrícola na propriedade rural. Esse alicerce determinante para a agricultura familiar disseminou o veículo na região e se transformou num meio de acesso ao desenvolvimento do turismo.

## **2 TECNOLOGIA ADAPTADA FATOR DE MUDANÇA NA AMAZÔNIA**

Vieira (2003, p. 35) define tecnologia como sendo a teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios, instrumentos, ferramentas e máquinas de um ou mais ofícios, baseados em conhecimentos científicos, aplicados a determinado ramo de manifestação humana, empregados para o homem manter o controle sobre a atividade material e o ambiente terrestre.

O desenvolvimento regional na Amazônia não aconteceu ao acaso, como um milagre, mas se realizou por contínuas aproximações com base na adaptação de tecnologias nas diferentes épocas e espaço geográfico. Antes da colonização recente de Rondônia, a tecnologia vigente entre os camponeses era rudimentar ligada a atividades agrícolas de caráter mais extrativista do que produtivo, em média e grande escala.

Na concepção de Cemin (1992, p. 128) o caráter extrativista prevaleceu porque a perspectiva camponesa contrapõe-se, fundamentalmente, a uma tecnologia em que o meio ambiente orgânico, necessariamente complexo, é substituído por um ambiente inorgânico e simplificado, onde a sabedoria e prática do campesinato contribuem para a construção e gestão de modelos agrícolas mais saudáveis e equilibrados do ponto de vista técnico e social.

A presença do migrante incorporou novas tecnologias nas áreas agrícola e de transporte e, desta forma, as forças produtivas passam a transformar os objetos de trabalho e os meios de produção. Com isso, os homens se aperfeiçoaram, agregaram novas experiências, proporcionando o crescimento do lugar. Uma das tecnologias, o “jerico”, trazida para Alto Paraíso, se destacou em virtude da sua difusão e aceitação entre os agricultores familiares, que predominam no município.

Para a região, foi considerado um grande feito essa adaptação realizada, no ano de 1984, pelo artesão Arlindo Fritzen. Ele veio de Santa Catarina com sua família. Porém, não conseguiu terras junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Então, se estabeleceu no núcleo urbano de Alto Paraíso e com a colaboração de seus amigos, também migrantes do mesmo Estado, em pouco tempo construiu sua casa.

As famílias migrantes que chegavam ao lugar, geralmente, eram acolhidas pelos grupos cujos vínculos e tradições eram comuns. Os lotes da área urbana, nesse período eram doados. Mesmo com poucos recursos, em virtude do grau de solidariedade estabelecido, as pessoas já organizadas em melhor situação se permitiam colaborar com os que chegavam depois. O migrante trazia consigo um espírito inventor, capaz de transformar e adaptar objetos e no meio que se encontrava buscou alternativas para firmar novos modos de convivência com outros grupos.

Fritzen, como se tornou conhecido, logo passou a ser imprescindível no pequeno núcleo urbano que se formava. Para absorver a demanda de serviços instalou no fundo do quintal uma pequena oficina mecânica, juntando uma peça velha com outra, um motor a diesel, um torno e solda e, então, construiu o seu meio de transporte, rústico, simples e de baixo custo, adaptado as suas condições de pequeno agricultor sem terra.

Para ser fabricado este veículo demandou que tivesse o chassi em desuso de um veículo picape com tração nas quatro rodas, um motor a diesel, duas correias, uma polia, armação em ferro sobre a qual apóia o motor, quatro rodas com pneu, volante, platô, disco de embreagem e uma peça em ferro, principal peça que tem a função de ligar o motor às engrenagens do chassi. Denominou este veículo, que se desloca a uma velocidade média de 25 km/hora, de “jeríco”. Seu nome foi relacionado ao “jumento”, pois ambos são fortes e lentos. Embora fosse um veículo simples exigiu o conhecimento prévio da técnica para adaptá-lo, informação que o migrante trouxe consigo.

O “jerico” além de servir para o transporte de pessoas e mercadorias passou a ter outras funções na propriedade rural, como acionar o gerador de energia elétrica; a bomba de água para irrigação, a trilhadeira de grãos e outros

equipamentos que passaram a fazer parte do cotidiano das famílias rurais. A invenção funciona com poucos acessórios, nas mãos do agricultor, a manivela substitui o motor de partida e a topografia plana, na maioria das vezes, substitui o freio.

Carlos Teixeira (1999, p. 269), relata que no projeto de assentamento Marechal Dutra, na linha C- 40 e C- 35 do travessão B-40, distante 60 quilômetros de área urbana de Alto Paraíso: “nessas linhas conheci duas famílias de seringueiros, as únicas que encontrei nessa área, o que chama a atenção é o fato de ter chegado ao lugar por meio de um pequeno veículo adaptado de um picape que era propriedade de um daqueles seringueiros”.

Teixeira (1989, p. 270) sugere dois aspectos interessantes. O primeiro refere-se ao fato de que o antigo sistema de transporte – baseado no emprego de animais ou canoas – passa a ser substituído por meios mais complexos, podendo-se dispor de vias carroçáveis que permitem atingir centros distantes num tempo mais reduzido. Tal fato além de implicações econômicas relacionadas com o custo do transporte dá ao seringueiro liberdade para que ele mesmo possa fazê-lo, e não o patrão, como era antes.

O segundo diz respeito à natureza técnica do objeto, capaz por si mesmo de estimular alterações no modo de vida do seringueiro, pois aquele maquinismo, como ele observou, não servia apenas para o transporte de produtos, mas podia ser ocasionalmente empregado no âmbito doméstico, podendo servir, por exemplo, para acionar o gerador de luz ou mover roldanas empregadas para retirar água do poço. Portanto, sua aquisição revela a disposição do seringueiro em adaptar-se ao novo contexto da colonização, além do aspecto econômico que seu uso representa.

Essas duas situações exemplificam a importância que é dada ao “jeríco” no município de Alto Paraíso, à medida que este veículo é utilizado no trabalho cotidiano da lavoura, serve para deslocar-se à área urbana com as mais diversas finalidades, também vai aos poucos sendo incorporado ao cotidiano social e tornando-se um meio de lazer para uma comunidade desprovida de outras formas de atividades recreativas.

O uso recreativo do “jerico” de forma intensa levou a sua utilização em eventos que atraem os turistas, no mínimo uma vez por ano, como é o caso da festa em homenagem a emancipação municipal, quando é realizada a “corrida nacional de jericos motorizados”. De acordo com VOGEL (2007), “a prefeitura de Alto Paraíso estima que na área urbana e rural da cidade rodem em torno de 1.800 Jericos, contra apenas 217 automóveis e 111 picapes convencionais emplacadas no município”

### **3 O TURISMO EM ALTO PARAÍSO**

O atual município de Alto Paraíso, no Estado de Rondônia, abrange uma área territorial, de 2.652 Km<sup>2</sup>, originário do Núcleo Urbano de Apoio Rural - NUAR de mesmo nome. Em 1982, foi desmembrado dos municípios de Ariquemes e Porto Velho. Foi emancipado em 13 de fevereiro de 1992, através da Lei Estadual N° 375 de 13/02/1992, (FILHO, 1995, p.19). Conforme dados do IBGE, Alto Paraíso localiza-se entre os municípios de Porto Velho e Ariquemes, Na Microrregião III – Ariquemes. Encontra-se distante aproximadamente 211 km da capital do Estado de Rondônia - Porto Velho e a 55 Km da Cidade de Ariquemes, entre as coordenadas geográficas 63°07' e 63°50' de longitude WGr e 9°20' e 9°58' de latitude S.

De acordo com o IBGE, Alto Paraíso possuía 2.269 estabelecimentos agropecuários em 2006. Desse total, 1905 propriedades praticam a agricultura familiar em áreas de terra que variam de 50 a 100 ha. Neste contexto, no município se destaca a população rural de pequenos proprietários. De acordo com a Emater (2006), 544 agricultores familiares estão organizados em 18 diferentes organizações sociais rurais.

Em função dos trabalhos coletivos para comercialização da produção agrícola, parte dos agricultores familiares, agrupados em 40 famílias, tem suas propriedades reconhecidas e certificadas como agroecológicas. Dessa forma, o agroturismo pode se tornar uma realidade, em função deste e dos seguintes fatores: o próprio município já ter atrativos turísticos naturais; o incentivo do poder público ao turismo tanto urbano como rural; e a corrida nacional de jericos motorizados, a partir do ano de 2008, já fazer parte do calendário turístico do estado de Rondônia.

Na definição de Vieira (2003, p.934), turismo é um ato ou efeito de viajar, basicamente com fins de entretenimento e eventualmente com outras finalidades, por exemplo, cultural, científica ou ecológica. O turista, por sua vez é o indivíduo fazendo turismo ou viajando, basicamente com fins de entretenimento ou prazer e, eventualmente, com outras finalidades em geral culturais ou religiosas, cuja presença é temporária, imprevisível e inconstante nos lugares por onde passa.

Em Alto Paraíso, em função do turismo esportivo, que tem como atração “o Jerico”, a população das cidades vizinhas, distantes e até de outros Estados deslocam-se com a finalidade de participar da “Corrida Nacional de Jericos Motorizados”. Esta modalidade esportiva vem abrindo espaço para o turismo rural que, segundo o Ministério do Turismo (2005, p.7) é definido como o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade

O agroturismo, por sua vez, compreende as atividades internas da propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade. Devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc) a partir do “tempo livre” das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2005, p. 8).

No turismo atraído pelo “Jerico”, o turista está descobrindo no espaço da área rural, outros atributos naturais e sociais, o que tem influenciado e despertado o município para o agroturismo, em virtude da estrutura rural formada por pequenos agricultores que praticam a agricultura familiar de cunho mais agroecológico. Segundo Villela (2004), “o agroturismo não exige grandes investimentos, pois o turista que procura este tipo de lazer, não deseja a sofisticação e nem estruturas artificiais e sim, deseja conviver com a natureza e com o cotidiano de uma área rural”.

Para esta modalidade de turismo, além da predominância de pequenas propriedades no município, a área rural é banhada por quatro grandes rios: no verão, surgem às praias nos rios Candeias e Jamari e o clima quente e úmido

contribui para a prática de esportes náuticos; o poção formado no final da cachoeira do rio Santa Cruz, entre as linhas C-90 e C 95 é um atrativo diferenciado, tanto no verão ou inverno; a prainha da saudade na LC-85, entre o travessão B-30 e B-40, no rio Massangana propicia o acampamento e vislumbamento da natureza no seu estado mais original; o campeonato de pesca no rio Jamari tem a magia de se flutuar sobre a água no meio da floresta. Em alguns trechos desses rios no inverno a beleza se reflete nos igapós, igarapés e na floresta em seu estado primitivo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

Antes da chegada do migrante na região de Alto Paraíso, a tecnologia vigente era bastante original as condições da Amazônia intocada, mas a sua presença incorporou tecnologias que se adaptaram a economia do lugar. Todas essas tecnologias, inicialmente bastante grosseiras, foram adaptadas, via de regra à necessidade do pequeno agricultor e se tornaram alternativas viáveis ao permitir uma relação mais equilibrada e combinada entre o homem e a natureza.

O desenvolvimento desse território, em princípio, foi possível mediante a transformação da natureza por meio de objetos técnicos adaptados as novas necessidades do homem ao meio ambiente. Essa transformação foi viável devido aos conhecimentos técnicos que geraram tecnologias adaptáveis, atendendo as demandas sócio-econômicas do local. Assim, o “jerico”, que era um maquinismo comum na região Sul, proporcionou ao imigrante amazônico a condição de autor e de agente de transformação para o desenvolvimento regional na vertente turística em Alto Paraíso.

#### REFERÊNCIAS

**BRASIL** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Unidades da Federação Rondônia: Município Alto Paraíso, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 03 jan. 2008.

**CEMIN**, Arneide, B. Análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola em Rondônia. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**EMATER-RO.** Formas organizativas assistidas pela EMATER-RO. Porto Velho, 2006. Mimeo.

**FILHO,** Gerindo. A. da S. Divisão territorial de Rondônia: evolução cronológica. Porto Velho: s.c.p., 1995.

**IBGE,** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Censo Agropecuário 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 31 dez. 2007.

**MINISTÉRIO DO TURISMO.** Secretaria de Políticas de Turismo (Brasil). Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil. Disponível em:<<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2008.

**TEIXEIRA,** Carlos C. As visões da natureza: Seringueiros e colonos em Rondônia. São Paulo: EDUC, 1999.

**VIEIRA,** Waldo, Homo sapiens reurbanisatus. Foz do Iguaçu: CEAE, 2003.

**VILLELA,** Mario. H. Agroturismo, uma valiosa alternativa, 08 out 2004. Disponível em: <<http://www.paginarural.com.br>>. Acesso em: 06 jan. 2008.

**VOGEL,** Jason. Uma boa idéia de Jerico. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 2007, Caderno Carro ETC. Disponível em: <<http://www.capitaldojerico.com/ideiadejerico>>. Acesso em: 12 jan. 2008.